



## **Boletim de Notícias NS**

**NSDAP/AO : PO Box 6414  
Lincoln NE 68506 USA  
www.nsdapao.org**

#1159

01.06.2025 (136)

# **Hitler em guerra : O que é que *realmente* aconteceu?**

por A.V. Schaerffenberg

## **Parte 6**

### **Capítulo 5: Barris de pólvora checos e polacos**

*Quatro jornais hostis são mais temíveis do que mil baionetas."*

Napoleão Bonaparte

O Tratado de Versalhes, que pôs fim à Primeira Guerra Mundial, é comumente citado pelos historiadores como o principal responsável pelo conflito mundial seguinte. Assinado sob coação por políticos alemães de coração fraco, foi nada mais nada menos do que a pilhagem legalizada de um povo derrotado. Naturalmente, os Aliados vitoriosos consideraram os motivos que os levaram a entrar na guerra como puramente defensivos, pelo que o inimigo prostrado foi o único culpado de provocar as hostilidades. Nunca foram mencionadas nos corredores de Versalhes

as políticas de *revanche* que tinham dominado a França desde a sua humilhação em Sedan, em 1871; a política tradicional da Inglaterra de entrar em guerra contra a principal potência do continente, independentemente de quem fosse, para assegurar a sua própria predominância; e o desejo da Rússia de unir o domínio eslavo sob o Czar, apresentando-se como o seu salvador na Sérvia. O único "crime" da Alemanha antes da guerra tinha sido o de se tornar um concorrente industrial. Foi a sua riqueza recém-encontrada que motivou os responsáveis pelos tratados corporativos de 1918, quando roubaram as minas de carvão da Alemanha, deixando o seu povo a congelar e a morrer à fome, e lhe impuseram indemnizações tão severas que o condenaram ao empobrecimento perpétuo. Daí a necessidade económica de tornar os alemães os únicos responsáveis pela "Grande Guerra".

O Tratado de Versalhes não foi mais do que um documento formal elaborado para encobrir a pilhagem de um inimigo vencido. Os criminosos internacionais que o redigiram agravaram a sua vilania ao juntarem um continente europeu fragmentado pela guerra e pela revolução, com os remanescentes do Império Austro-Húngaro e da Alemanha Imperial. Na sua ganância, vingança e ignorância, os autores do tratado repartiram regiões inteiras de povos não relacionados e muitas vezes antagónicas por novos Estados criados artificialmente. Milhões de polacos, alemães e húngaros foram parar à Checoslováquia; mais alemães à Polónia e à Lituânia, com milhares de polacos na Hungria, húngaros na Roménia, etc., etc. Só na região dos Sudetas, 2 800 000 alemães de etnia alemã ficaram retidos atrás da fronteira checa, separados da sua terra natal e sob a autoridade de um governo estrangeiro abertamente hostil. Cerca de 625 milhas quadradas de território polaco, ocupadas por mais de um quarto de milhão de polacos, foram entregues à Checoslováquia. A Hungria perdeu 7.500 milhas quadradas de território com 775.000 dos seus habitantes, igualmente sem o seu consentimento.

A título de comparação, se os Estados Unidos tivessem perdido uma guerra e fossem obrigados a ceder, digamos, Washington, Montana ou Idaho, com as suas populações americanas, ao Canadá, ou a Califórnia, o Texas e o Arizona ao México, o nosso país encontrar-se-ia numa condição análoga à que a Alemanha, a Polónia e a Hungria enfrentaram após a Primeira Guerra Mundial. E sempre que os alemães, polacos ou húngaros residentes se opunham às condições frequentemente brutais que lhes eram impostas, os seus protestos eram "impiedosamente esmagados pelo Governo de Praga do Presidente Benes" (Chant, 5). Como observou o general Leon DeGrelle, era inevitável que uma tal confusão acabasse por explodir num novo conflito internacional, com ou sem Hitler.

A partir de 1933, os alemães dos territórios separados do Reich, onde o Führer tinha restaurado o orgulho nacional, ansiavam por voltar a juntar-se à sua pátria. Nos Sudetas, a minoria alemã votou em mais de 90% a favor do regresso ao

Reich, num plebiscito controlado por observadores internacionais. Quando, em maio de 1938, o governo checo continuou a recusar o regresso dos Sudetas ao seu país e mobilizou as suas forças armadas, Hitler ameaçou chamar a Wehrmacht. Nessa altura, já sabia que os Aliados estavam decididos a fazer-lhe guerra, de uma forma ou de outra, apesar de todos os seus esforços de entendimento internacional. A Alemanha não estava de facto pronta para o combate, mas a França e a Inglaterra também não estavam. No entanto, ao seu ritmo de rearmamento, constituiriam uma ameaça militar esmagadora em apenas mais alguns anos. Por exemplo, a RAF gastou mais em rearmamento do que todas as forças armadas alemãs juntas durante a década de 1930. O Reich só podia esperar defender-se com sucesso contra os Aliados antes que estes se tornassem demasiado fortes para resistir. Consequentemente, o Fuehrer informou os seus comandantes que, se a questão dos Sudetas não fosse resolvida até 1 de outubro, deveriam iniciar operações armadas contra a Checoslováquia.

Com a Europa equilibrada na ponta da baioneta da guerra, só um homem com a autoridade pessoal e a habilidade diplomática de Benito Mussolini poderia salvar a paz. Convocou de última hora uma reunião de emergência das quatro potências em Munique. Fluente em inglês, francês e alemão, fez compreender a todos os delegados que a reunificação dos Sudetas com a sua pátria natural era a única forma de evitar as hostilidades, apesar da incessante agitação da imprensa internacional. Entretanto, Edward Benes, o bem conhecido líder da Checoslováquia, era retratado em todo o mundo na imprensa, nos noticiários e nos programas de rádio como a nobre e lamentável vítima da rapacidade fascista e da intimidação dos Aliados. "Ao mesmo tempo", observou o historiador Peter Gryner, numa perspetiva de setenta anos, "o Dr. Benes, o presidente checo política e moralmente fraco, que não tinha estômago para a guerra, demitiu-se e fugiu para França com 10.000 dólares [doados pelos soviéticos] no bolso" (48).

Apenas dois dias antes de a Wehrmacht invadir a Checoslováquia, foi assinado o Pacto de Munique. O Duce, depois de ter salvo a Europa do suicídio, regressou a Roma para um merecido triunfo de herói e os Sudetas regressaram ao seu Reich sem incidentes. Entretanto, Churchill, referindo-se a si próprio e aos seus companheiros de guerra no "Focus", resmungou: "Sofremos uma derrota total e absoluta" (Innes, 13).

Mas os políticos checos, humilhados, descarregaram as suas frustrações noutros povos estrangeiros que o Tratado de Versalhes ainda deixava sob o seu controlo. Os eslovacos e os rutenos húngaros sofreram uma amarga opressão e apelaram a Adolf Hitler para o mesmo tipo de ajuda que tinha dado aos Sudetas. Quando soube pelo seu SD que os checos estavam a construir secretamente bases aéreas para bombardeiros soviéticos capazes de atingir alvos alemães 30 minutos após a

descolagem, apoderou-se da Checoslováquia, dividindo-a em Boémia e Morávia, nomes pelos quais estes países eram conhecidos há séculos, antes do Tratado de Versalhes. Um olhar sobre um mapa do pós-Primeira Guerra Mundial mostra como este Estado sintético penetrou profundamente no território alemão, como um punhal que pretendia manter a Alemanha perpetuamente incapacitada.

A "Checoslováquia" foi uma criação artificial de políticos franceses e britânicos que nada sabiam da região que pretendiam reconstituir. De facto, o seu verdadeiro objetivo ao criar a Checoslováquia era manter a Europa Central em constante agitação (ou seja, impotência). Hitler desmantelou imediatamente este artifício subversivo e reconstruiu-o segundo linhas naturais; por outras palavras, as populações étnica, linguística e culturalmente relacionadas foram autorizadas a formar as suas próprias comunidades. Deu liberdade aos eslovacos sob o comando do monsenhor católico Josef Tiso e permitiu que a Hungria se reunisse com os seus compatriotas separados na Ruténia. Ao descreverem a crise checa, os historiadores tradicionais quase sempre não atribuem a Hitler o mérito pela liberdade que deu a estas minorias não alemãs, incluindo os polacos em Teschen, que foram igualmente autorizados a regressar à sua terra natal. O acordo que ele e Mussolini negociaram "deu à Polónia a fronteira comum com a Hungria que ela desejava há anos" (Innes, 35). Em abril desse mesmo ano, os pilotos polacos desfilaram em triunfo ao lado dos aviadores da Luftwaffe em Madrid, no final vitorioso da Guerra Civil Espanhola. Tragicamente, apenas cinco meses mais tarde, estariam a voar um contra o outro.

O primeiro triunfo diplomático de Hitler tinha sido um pacto de não agressão com a Polónia, em 1934, seguido, nos anos seguintes, por propostas secretas de uma aliança militar para proteger a Europa contra os soviéticos. Em janeiro, o Ministro do Reich, Dr. Joseph Goebbels, causou uma impressão pessoal e muito favorável nos líderes governamentais de Varsóvia, e os dois países aproximaram-se visivelmente. Como observou Watt, "a visita foi um êxito" (325). No ano seguinte, o Marechal Pilsudski recebeu Hermann Goering, que propôs uma aliança militar contra a Rússia. Após a derrota deste país, a Polónia receberia toda a Ucrânia. Uma tal união germano-polaca teria criado uma força conjunta demasiado poderosa para ser enfrentada pelos Aliados ocidentais ou pela URSS, ao mesmo tempo que frustraria os planos de Churchill e da sua laia belicista.

A proposta de Goering foi um dos grandes pontos de viragem da história moderna. Se tivesse sido aceite, o curso dos acontecimentos teria sido dramaticamente alterado e o colosso comunista teria sido derrubado. Além disso, a União Soviética encontrava-se nessa altura numa situação de desordem política e militar, devido às purgas paranóicas de Estaline de oficiais de alta patente das forças armadas e do politburo. Uma invasão da URSS no final da década de 1930 por forças alemãs e polacas teria tido muito mais hipóteses de ser bem sucedida do que a Operação

*Barbarossa* em 1941. Nessa altura, o próprio Exército Vermelho estava pronto para atacar a Alemanha. Se Pilsudski tivesse aceite a generosa oferta de Goering, a Polónia poderia ter emergido como uma potência europeia verdadeiramente significativa e evitado o seu terrível destino. Em vez disso, o Marechal continuou a entregar-se ao perigoso jogo de jogar os alemães contra os russos, fingindo que o seu país já era a potência da Europa, ignorando a sua posição precária entre o Terceiro Reich e a União Soviética. Em vez de se colocar razoavelmente do lado de um Estado contra o outro, optou por manipular ambos, e o seu país foi esmagado entre eles.

Mesmo assim, Hitler continuou a manifestar uma sincera admiração por Pilsudski e pela Polónia modernizada, declarando em maio de 1935, perante o Reichstag: "Reconhecemos, com a compreensão e a amizade sincera dos verdadeiros nacionalistas, o Estado polaco como o lar de um grande povo com consciência nacional". No mês seguinte, representantes alemães e polacos iniciaram conversações que, seis meses depois, conduziram a um acordo comercial. Como salientou Watt, "este tratado era extremamente importante para a Polónia, na medida em que a Alemanha era, de longe, o mercado de exportação mais importante da Polónia. No passado, a Alemanha tinha sido capaz de causar estragos consideráveis na economia polaca através da implementação de alterações arbitrárias nos direitos aduaneiros ou quotas sobre as importações da Polónia. Este novo acordo conferiu à Polónia o estatuto de nação mais favorecida e resolveu uma série de disputas económicas entre as duas nações" (327).

Estas relações exemplares, juntamente com a ameaça crescente da Rússia soviética, começaram gradualmente a levar os polacos a reconsiderar a aliança militar proposta por Goering. Como indicação das suas intenções pró-Reich, o governo de Varsóvia enviou aviões polacos para voar com a sua *Legião Condor*, em Espanha. Apenas oito meses antes da eclosão da guerra, Hitler disse sinceramente a Josef Beck, durante a visita do Ministro dos Negócios Estrangeiros polaco a Berchtesgaden, em 5 de janeiro de 1939, que "a Alemanha estaria muito interessada na continuação da existência de um Estado polaco fortemente nacionalista, devido ao que poderia acontecer na Rússia... Para além disso, a existência de um forte exército polaco aliviava consideravelmente o fardo da Alemanha. As divisões que a Polónia mantinha na sua fronteira com a Rússia poupavam a Alemanha a um fardo militar semelhante" (Innes, 31).

Entretanto, os instigadores internacionais - profundamente frustrados com a vitória de Mussolini pela paz na Checoslováquia - procuraram outro ponto problemático para reacender as hostilidades. Encontraram-no em Danzig. Tal como a Sudektenland, a cidade medieval tinha sido separada da sua mãe alemã pelos odiosos trapalhões de Versalhes, vinte anos antes. Os seus cidadãos abandonados clama-

vam igualmente pela reunificação com a sua terra natal, agora que esta era um orgulhoso Estado nacional-socialista. Mas estavam ligados pelo dispositivo impossivelmente inventado de um corredor estreito até à fronteira oriental da Prússia. Cerca de um milhão e meio de alemães tinham ficado retidos na Polónia devido ao Tratado de Versalhes.

Para resolver o dilema de forma amigável, Hitler ofereceu-se para financiar a construção de uma autoestrada e de um caminho de ferro que ligasse Danzig. Em troca de um maior acesso à antiga cidade alemã, estas construções seriam tributadas pelos polacos, que também explorariam o seu próprio caminho de ferro para Danzig, onde todos os seus direitos económicos seriam protegidos e preservados. A Polónia teria um lucro considerável e contínuo, sem comprometer a sua soberania territorial. "Neste momento", declarou no sexto aniversário da tomada de poder nacional-socialista, "quase não há divergências de opinião entre os nossos Estados amigos e pacíficos sobre a importância deste instrumento (o Pacto de Não-Agressão germano-polaco de 1934)... No ano passado, vimos a amizade entre a Alemanha e a Polónia provar o seu valor como garantia de paz na vida política da Europa" (Innes, 33); ou seja, a contribuição da Polónia para a resolução da crise checa.

As negociações relativas a Danzig prosseguiram cordialmente, sem urgência, a partir de outubro de 1938, e Hitler estava confiante no seu resultado mutuamente satisfatório. No entanto, foi desagradavelmente surpreendido quando Josef Beck recusou friamente o seu convite para aderir ao Pacto Anti-Comintern, apenas onze dias depois de Berchtesgaden, onde ambos os governos estavam a caminhar para essa aliança. Apoiada pelo poderio militar combinado do Terceiro Reich, da Itália fascista e do Japão imperial, a Polónia teria sido poupada a quaisquer outras ansiedades relativas às ambições soviéticas na sua fronteira russa. Quando o embaixador alemão dos Negócios Estrangeiros visitou Varsóvia para celebrar o quinto aniversário do Pacto de Não-Agressão germano-polaco, os polacos recusaram qualquer referência a Danzig e saudaram a delegação alemã com uma fria formalidade.

Em março, o governo de Varsóvia pôs fim a todas as discussões sobre Danzig, rejeitando liminarmente as generosas propostas do Führer, com as quais os polacos tinham muito a ganhar em termos económicos e, sobretudo, militares. O Führer expôs-lhes a situação através do seu embaixador: "o acordo germano-polaco não pode sobreviver sem que a Polónia demonstre 'uma atitude clara e anti-soviética'. A Polónia tem de compreender que tem de escolher entre a Alemanha e a Rússia" (Innes, 35). Nesse mesmo mês, o até então amigável Beck disse ao seu colega diplomático, o conde Szembek, que "conhecemos o limite exato dos nossos próprios interesses... para além desse limite, a Polónia só pode anunciar um *non*

*possum* ("não podemos"; alegação de incapacidade; recusa). É muito simples: Vamos lutar!" A determinação de Beck teria sido um choque para Hitler, que continuava a contar com a Polónia como um aliado vital contra o comunismo soviético, e não podia adivinhar que a mudança abrupta da atitude polaca tinha sido engendrada por um diplomata estrangeiro.

William C. Bullitt, o agente confidencial do Presidente Roosevelt na Europa, era um alto funcionário do governo já na administração Wilson, em 1919, quando defendeu o reconhecimento da União Soviética pelos EUA. A sua recomendação foi universalmente rejeitada pelo Congresso, depois de as investigações do Congresso terem revelado que a URSS não passava de uma tirania sangrenta imposta ao povo russo por gangsters judeus internacionais. Desanimado com tal veredito, abandonou a política, mas foi reintegrado pelo F.D.R. como primeiro embaixador dos Estados Unidos junto dos soviéticos após o reconhecimento da URSS, a primeira ação internacional de Roosevelt ao assumir a presidência. O elevado nível de pró-comunismo e a intolerância ao fascismo de Bullitt qualificaram-no como um dos instrumentos mais valiosos dos judeus para dismantelar as relações normais entre as nações gentias.

Viajando pela Europa de Leste, utilizou as suas capacidades diplomáticas naturais e as suas impressionantes credenciais de representante pessoal do Presidente para impressionar os oficiais polacos. Bullitt exortou-os a forçarem os alemães a entrar em Danzig. A guerra seria inevitável, mas nessa altura a Grã-Bretanha e a França invadiriam o Reich pelo oeste, com o Fuehrer no meio. A Polónia ficaria com o resto da Alemanha Oriental na sua parte do acordo. Tudo o que os polacos tinham de fazer era provocar o ataque de Hitler e depois aguentá-lo o tempo suficiente para que os britânicos e os franceses viessem em seu socorro. Cegos a este engano transparente pela ganância e arrogância, os ingénuos líderes de Varsóvia apostaram a existência do seu país nas garantias de políticos estrangeiros, para quem a Polónia não passava de um expediente para a guerra que estavam determinados a fomentar algures, de alguma forma.

Depois de ter lançado as sementes do conflito na Polónia, Bullitt seguiu para França, onde garantiu aos oficiais franceses que os EUA apoiariam qualquer guerra contra a Alemanha. No espaço de um ano, com o seu país a ser esmagado até à submissão pela Wehrmacht, o primeiro-ministro francês, Eduard Deladier, lançou o seu famoso apelo à América, pedindo as "nuvens de aviões de guerra" prometidas por Bullitt. Uma semana depois, os alemães entraram em Paris.

Bullitt seguiu para Londres, onde se encontrou com o primeiro-ministro britânico. Em 1941, pouco antes de morrer de cancro, e no meio da Segunda Guerra Fratricida da Europa, Neville Chamberlain confessou que "a Inglaterra nunca teria entrado em guerra contra a Polónia sem a insistência constante de Bullitt e dos

judeus" (Forrestal, 178). Chamberlain não era amigo do Reich, mas queria sinceramente evitar a guerra, pelo menos por agora, protelando o tempo até que as forças armadas britânicas estivessem suficientemente constituídas para desafiar a Wehrmacht. Tinha sido enganado por Ian Colvin, um jornalista virulentamente anti-alemão do *News Chronicle*. Colvin foi responsável por alterar sozinho a política polaca britânica, ao mentir ao Primeiro-Ministro, a 29 de março, que o Fuehrer estava pronto a atacar a Polónia na primeira oportunidade possível, com um plano pré-estabelecido. "No entanto, o plano de contingência (o *caso branco* de Hitler) foi ativado *devido* à garantia britânica" de lutar pela Polónia (Irving, *Goebbels*, f.293). Através deste logro, Colvin "inclinou a balança para a guerra".

As "democracias" ocidentais tinham deixado claro a Hitler que estavam determinadas a fazer-lhe guerra, mas ele esperava que esta ainda pudesse ser adiada o mais possível. Mesmo assim, se as hostilidades tivessem de chegar, ele preferia que fossem nos seus próprios termos, quando a Alemanha tivesse as melhores hipóteses de sucesso. Com o rearmamento dos Aliados a avançar a toda a velocidade, o tempo estava a trabalhar contra ele. Por exemplo, em 1939, o ano em que a guerra começou, o governo francês estava a gastar mais do que a Alemanha em armamento, enquanto a sua grande força aérea estava mais bem financiada do que a Luftwaffe de Hermann Goering. A partir de fevereiro de 1934, segundo o jornalista americano Douglas Brinkley, Paris gastava mil milhões de francos por ano só para a sua força aérea (68). Cinco anos mais tarde, dispunha de mais de 3.000 aviões, um pouco menos do que a Luftwaffe, mas combinados com as forças aéreas polaca, holandesa e britânica, os alemães seriam ultrapassados no ar por uma probabilidade de pelo menos três para um. No total, as reservas militares na Polónia, Países Baixos, França e Grã-Bretanha totalizavam cerca de dez milhões de homens, superando as reservas alemãs em cinco para um. No mar, os Aliados tinham vinte vezes mais navios de guerra do que a Kriegsmarine.

Ciente da ameaça iminente que o armamento furioso dos Aliados representava para a existência do seu país, Hitler continuou a oferecer acordos equitativos aos polacos. A sua obstinação já se tinha tornado insuportável, mesmo para os britânicos e franceses (que estavam a pensar duas vezes sobre as promessas não oficiais de Bullitt de ajuda militar dos EUA), em 27 e 29 de agosto - literalmente dias antes do início da guerra. Instaram Varsóvia a negociar com Hitler, mas os polacos recusaram categoricamente, confiando nas garantias confidenciais de Bullitt. Nesse mesmo mês, quando o embaixador francês sugeriu que permitissem a presença de forças armadas soviéticas no seu território para defender a Polónia, o marechal Edward Rydz-Smigly, comandante-chefe polaco, respondeu: "Com os alemães, arriscaríamos perder a nossa liberdade. Com os russos, perderíamos a nossa alma" (Innes, 60). Por cederem ao canto de sereia de Bullitt, perderiam am-

bas.

Alguns dias mais tarde, o Führer procurou evitar uma crise, solicitando o reatamento de conversações directas com o Ministro dos Negócios Estrangeiros polaco. O embaixador britânico, Sir Neville Henderson, declarou: "Nestas circunstâncias, o Governo alemão concorda em aceitar a oferta de bons serviços do Governo britânico para assegurar o envio para Berlim de um emissário polaco com plenos poderes. Contam com a chegada deste emissário na quarta-feira, 30 de agosto" (Innes, 82). Em vez disso, Beck deixou os alemães à espera durante dois dias inteiros sem lhes dar uma resposta, depois voou para Londres, onde ele e o seu colega diplomático, o conde Edward Raczynski, assinaram um Pacto de Assistência Mútua com o Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Lord Halifax. O acordo garantia a intervenção armada da Inglaterra se a Polónia fosse atacada "por qualquer inimigo estrangeiro", embora só a Alemanha fosse citada num protocolo secreto só revelado depois da guerra.

O Führer só ficou a saber o que tinha acontecido quando, no dia seguinte, leu nos jornais sobre o desprezo arrogante de Beck por qualquer tipo de negociações. Esta rejeição sem precedentes do líder eleito de um país vizinho, no meio de um apelo à paz, foi uma provocação deliberada, seguida imediatamente de uma mobilização polaca e de manobras militares perto da fronteira alemã - tudo com o objetivo de dissuadir Hitler de atacar. Seis anos mais tarde, no seu testamento, recordou: "Três dias antes do início da guerra germano-polaca, propus ao embaixador britânico em Berlim uma solução para o problema germano-polaco semelhante ao problema da região de Saar, sob controlo internacional. Esta proposta não pode ser explicada. Só foi rejeitada porque os círculos responsáveis da política inglesa queriam a guerra, em parte na expectativa de vantagens comerciais, em parte impulsionados pela propaganda promovida pelos judeus internacionais".

Já em janeiro anterior, quando o ânimo dos polacos se tinha deteriorado pela primeira vez contra a Alemanha, Ribbentrop confidenciou aos seus colegas diplomáticos durante o seu regresso a Berlim: "A partir de agora, só temos uma opção de ação se quisermos escapar ao cerco territorial, que é chegar a um entendimento com os russos" (Innes, 33). Por seu lado, Hitler não se deixaria cercar por inimigos. Precisava de os flanquear diplomaticamente antes de começar o tiroteio. Como disse a Jacob Burckhardt, o comissário suíço da Liga das Nações em Danzig, "Tudo o que faço é dirigido contra a União Soviética. Se o Ocidente for demasiado estúpido e cego para compreender isto, serei obrigado a chegar a um acordo com os russos." Assim, em 23 de agosto, chocou o mundo (incluindo os seus próprios camaradas do NSDAP, alguns dos quais se demitiram em protesto) ao concluir um pacto de não-agressão com a União Soviética. Foi uma medida drástica que lhe foi imposta pelas democracias ocidentais, que o obrigaram a impedir o

desenvolvimento de uma segunda frente através da normalização das relações com a Rússia.

Explicou num discurso no Reichstag, quase dois anos mais tarde, enquanto as suas legiões avançavam para a URSS: "Foi, portanto, apenas com extrema dificuldade que, em agosto de 1939, enviei o meu ministro dos Negócios Estrangeiros a Moscovo para tentar opor-se à política britânica de cerco contra a Alemanha". Ao fazê-lo, derrotou a França e a Inglaterra no seu próprio jogo de diplomacia de alto risco. Ambas tinham cortejado avidamente Estaline para uma aliança contra o Terceiro Reich, mas o Marshall preferia um tratado momentâneo com a Alemanha que lhe desse tempo vital para completar o seu próprio rearmamento.

Nas palavras do Marechal do Exército Vermelho Stephanis, "O pacto entre a União Soviética e a Alemanha de Hitler é apenas temporário. Não o deixaremos durar muito tempo". Foi secundado pelo Marechal Vorsolov, que disse: "Os alemães não devem ter qualquer indício de que nos estamos a preparar para os apunhalar pelas costas enquanto estão ocupados a combater os franceses, caso contrário poderiam mudar o seu plano geral e atacar-nos". Nada disto teria surpreendido Hitler, que escreveu logo a seguir à redação de *Mein Kampf*, em 1925: "Os actuais governantes da Rússia não têm qualquer ideia de entrar honradamente numa aliança, quanto mais de a observar" (Vol. II, Capítulo XIV). Ele concluiu, com razão, que "a Alemanha é hoje o próximo grande objetivo de guerra do bolchevismo".

Quando a guerra com a União Soviética começou, "Hitler parece ter vencido Estaline por pouco", segundo Russell H.S. Stolfi, professor de História na Escola Naval de Pós-Graduação dos EUA, em Monterey, Califórnia. "Provas recentemente publicadas e argumentos particularmente eficazes mostram que Estaline iniciou uma mobilização maciça de forças soviéticas para a fronteira ocidental no início de junho de 1941. As provas apoiam a ideia de que Estaline tencionava utilizar as forças concentradas no ocidente o mais rapidamente possível, provavelmente em meados de julho de 1941, para uma Barbarossa soviética. As declarações dos prisioneiros também apoiam a ideia de que os soviéticos tencionavam atacar a Alemanha em 1941. O destacamento extraordinário das forças soviéticas na fronteira ocidental é melhor explicado como um destacamento ofensivo para um ataque com mobilização total de forças extremamente poderosas ali concentradas para esse fim" (Michaels, 21).

Horst Slesina, um veterano dos primeiros dias da Operação *Barbarossa*, testemunhou pessoalmente os preparativos soviéticos para a invasão da Europa. "Pela primeira vez", recordou os primeiros dias da campanha, "ficamos a conhecer os pormenores da terrível ameaça que o avanço do exército soviético representava para a nossa pátria e para toda a Europa. Vemos pelo jogo diplomático e militar da

União Soviética - e pelas exigências descaradas de Estaline e Molotov - que os chefes do Kremlin acreditam que chegou a sua hora. As negociações com a Inglaterra, o avanço das forças soviéticas para as fronteiras da Alemanha, Finlândia, Hungria e Roménia eliminam as últimas dúvidas sobre as intenções soviéticas. O bolchevismo está pronto para iniciar a marcha da revolução mundial com um ataque contra a Alemanha... Quando os primeiros soldados de infantaria (alemães) chegaram ao Leste, foram descarregados e avançaram para a fronteira, há algum tempo atrás, vimos surgir gigantescas colunas de russos, que construíram as suas posições cada vez mais perto da fronteira alemã... Criaram uma densa rede na fronteira alemã, atrás da qual colunas gigantescas e intermináveis executavam uma das mobilizações mais maciças da história da guerra" (8-11).

Depois da guerra, o Major Koskov, Comandante do Exército Vermelho do 24º Regimento de Infantaria, da 44ª Divisão de Infantaria, admitiu que "os russos teriam atacado a Alemanha por sua própria iniciativa em duas ou três semanas, o mais tardar" (Johnson, 36). Enquanto o Reich e a Rússia ainda estavam em paz, Estaline gabou-se aos graduados da Academia Militar de Frunze, a 5 de maio de 1941: "Podemos começar a guerra com a Alemanha nos próximos dois meses. Agora que somos fortes, temos de passar da defesa ao ataque". Nas palavras do tradutor de russo do Departamento de Defesa dos EUA, Daniel Michaels, "os analistas russos estimam que os alemães lançaram o seu ataque preventivo duas ou quatro semanas antes da ação planeada pelos soviéticos" (20).

Mas, para já, Hitler precisava de um acordo, ainda que impermanente, com a URSS para evitar uma guerra em duas frentes; para manter o urso russo à distância, ainda que apenas temporariamente. O seu objetivo era também encurralar os Aliados ocidentais no seu próprio tratado com Varsóvia, concluído a 25 de agosto. Este especificava que a Grã-Bretanha e a França declarariam guerra a "qualquer um" que invadisse a Polónia; embora a Alemanha fosse obviamente apontada como o potencial invasor, não foi mencionada pelo nome, pelo menos publicamente. Se a Alemanha e a Rússia invadissem a Polónia, os Aliados eram obrigados pelo seu próprio tratado a declarar guerra aos dois países infractores, algo que ele sabia que nunca poderiam fazer.

No entanto, quando a guerra chegou à Polónia, as democracias mostraram toda a extensão da sua hipocrisia ao declararem seletivamente guerra ao Reich, mas abstiveram-se de fazer uma declaração semelhante contra a União Soviética, cujas tropas entraram em território polaco duas semanas depois. A perspectiva de a Inglaterra e a França terem de enfrentar a Alemanha e a Rússia era demasiado forte para eles. Embora não se tenham absterido de declarar guerra à Alemanha, porque tinham a obrigação de atuar de forma idêntica contra a URSS, pelo menos expuseram a sua desonestidade seminal perante toda a História.

É claro que nunca tiveram a intenção de vir em socorro da Polónia, uma impossibilidade óbvia, em qualquer caso. Os polacos lutaram corajosa e tenazmente com tudo o que tinham, na convicção de que os britânicos e os franceses cumpririam as suas promessas e invadiriam a Alemanha a partir de oeste. Foi esta forte fé nos seus aliados distantes que inspirou a defesa polaca da capital do país, mesmo depois de essa resistência, por mais determinada que fosse, se ter tornado tão fútil quanto trágica. As "democracias" ocidentais traíram os polacos, que cinicamente consideravam nada mais do que carne para canhão para as suas agendas anti-nazis. A sua verdadeira atitude foi expressa por Winston Churchill após a rendição da Polónia, o país que ele retratou publicamente como "o heroico defensor do direito e da bondade contra as hordas nazis". Amargurado com a derrota dos polacos, desprezou-os como "polacos estúpidos, que não sabiam lutar". Foi o único agradecimento que receberam por terem proporcionado a guerra que Churchill e outros exigiram e obtiveram deles.



**NS KAMPFRUF**  
KAMPFSPARTY DER NATIONALSOZIALISTISCHEN DEUTSCHEN ARBEITERPARTY AUSLANDS- UND AUFBAUORGANISATION

September 1937 20. April 2017 (80)

**Der Kampf geht weiter !**

Seit lang Jahren nach der Kapitulation der Wehrmacht am 8. Mai 1945 ist die nationalsozialistische Bewegung stärker als je zuvor in der Nachkriegszeit. Und zwar nicht nur in Deutschland, sondern auf globaler Ebene!

„Abwehr des Kommunismus, Verhinderung, Verfolgung und Verwindung haben nicht ausgereicht, das kann die gesamte Welt gegen sich gekehrten Führer Adolf Hitler zu verstehen.“

Alle Nationalsozialisten sind unsterblich. Volk- und Rassengetreue stehen Schicksal im Kampf um die Erhaltung unserer völkischen Werte.

Der Siegung ist nur stärker geworden, aber die Größe des historischen Völkertum ist heute noch viel größer als in der Vergangenheit.

Der unsterbliche Gegner ist aber nicht, das Volkstum – gegen alle völkischen Werte (Völkisch, Nationalität und Rassenbewahrung, Ehrentugend und Kampfbewahrung).

Oh „Lüge“ oder „Lüge“, es ist Wahrheit oder ein „Bewusstsein“, es ist Propaganda und Wahrheit oder auf einem Nationalität stehen wir. Jeder Nationalsozialist ist seine Pflicht!

Hilf Hitler!  
Gottwald Lank



**TROTZ VERBOT NICHT TOT!**



**Boletim de Noticias NS**  
[www.nsdapao.org](http://www.nsdapao.org)  
#1005 19.04.2022 (133)  
NSDAP/AO: PO Box 6414 - Lincoln NE 68506 - USA

**Relatório Frontal**  
**Entrevista com Molly**  
Terceira parte

NSK: Os seus projectos actuais são obviamente filosóficos e relacionados com a arte.

Por favor, descreva a sua opinião sobre o impacto de tais tópicos na política.

Molly: Bem, ainda tento actualizar a galeria de fotografias, mas sobretudo tenho-me concentrado em Adolf Hitler e no Exército da Humanidade ([www.mourningtheascient.com/truth.htm](http://www.mourningtheascient.com/truth.htm)). Estou agora com 21 páginas, e tenho muito mais para fazer. Estudiar a II Guerra Mundial é um campo minado absoluto de informação. Procuramos informação sobre uma coisa e encontramos mais duas coisas para pesquisar. Sente-se um pouco como se fosse um arqueólogo, desenterrando o passado.




**the NEW ORDER**  
Number 17 (1937) Founder 1938 April 26, 2017 (80)

**The Fight Goes On !**

Seventy years after the capitulation of the Wehrmacht on May 8, 1945, the power National Socialist movement is stronger than ever not only in Germany, but throughout Europe.

Decades of mass murder, expulsion, persecution, and defilement have not sufficed to destroy the seed of the brilliant idea of our much loved Führer Adolf Hitler.

All National Socialists and other racially-aware entrepreneurs and racial kinemen fight side by side for the preservation of our White folk.

The movement has indeed become stronger, but the danger of biological folk death is also much greater today than in the past.

The desperate enemy is in the process of committing genocide against all White folk. His means are not White immigration, culture erosion, and race-mixing.

Whether "Lüge" or "Lüge", whether in obvious battle or secret battle, whether armed with propaganda material or in a battlefield of a different kind, every National Socialist must do his duty!

Hilf Hitler!  
Gottwald Lank



**TROTZ VERBOT NICHT TOT!**

# O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas  
Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas  
Mais de 100 sites em dezenas de idiomas



**SS Defender against Bolshevism**  
by Reichführer SS Reichlich Klammer  
FOR-DANMARK! MOD BOISHEVISM!  
Translated from the SS Original

Julius Streicher Der Hitlers Feindes Book  
**The Poisonous Mushroom**  
Translated from the Third Reich Original  
*Der Giftpilz*

Reichlich Klammer  
**Hitler in Italy**  
**HITLER in ITALIEN**  
English / German / Dutch / English

**SS Viewpoint – Vol. 9**  
Wife and Family

Theodor Fritsch  
**The Sins of High Finance**  
English - German / Dutch - English

**Luftwaffe War Art**  
Die Luftwaffe im Bild  
English - German / Dutch - English

**BOOKS - Translated from the Third Reich Originals!**  
[www.third-reich-books.com](http://www.third-reich-books.com)



**NSDAP/AO**  
**Fight Back!**



[nsdapao.org](http://nsdapao.org)  
Contact us to find out how YOU can help!